



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15963 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 16 - Educação e Comunicação

APRENDIZAGENS EM SITUAÇÕES ADVERSAS: CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA PARA O 'APRENDERENSINAR'

Pâmela Raquel Oliveira Veras de Almeida - UERJ - FEBF - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Luciana Velloso da Silva Seixas - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

APRENDIZAGENS EM SITUAÇÕES ADVERSAS: CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA PARA O 'APRENDERENSINAR'

A pandemia do novo coronavírus/Sars-CoV-2 (Covid-19) atravessou, de modo implacável e devastador, todas as atividades humanas; em particular a educação, obrigando-nos ao distanciamento físico. Em caráter emergencial, o Ensino Remoto – ER, foi adotado, deixando expostas as desigualdades sociais e as dificuldades para atuar nessa nova modalidade de ensino.

No enfrentamento dessas questões, os professores, não mediram esforços: adaptaram-se às circunstâncias, recriando suas aulas e reinventando seus cotidianos, conscientes de que as tecnologias, por si só, não conseguem substituir a pessoalidade da relação direta. Procuraram responder aos desafios que se impunham naquele momento, construindo seus conhecimentos, no movimento '*prácticateoriaprática*', com base em *lives*, e interações '*docentesdiscente*', apoiadas em videoaulas, ou em videoconferências.

Em meio a esse redemoinho, refletíamos sobre nossas práticas docentes: estariam os professores preparados para trabalhar de forma *online*? Como poderiam ressignificar seus modos de '*aprenderensinar*', no contexto da

cibercultura, diante de situações adversas?

Todas essas indagações foram abordadas na pesquisa de mestrado concluída, no período de 2022-2024, em uma escola privada de idiomas, localizada em Belford Roxo, um município da Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro. Para realização desse estudo, contamos com a participação de oito professores efetivos de língua estrangeira - Inglês e Espanhol (participantes/praticantes culturais da pesquisa), sendo quatro mulheres e quatro homens, com idades entre 24 e 50 anos, e entre 33 e 41 anos de atuação como professores de língua estrangeira, formações em escolas particulares e públicas, além da professora-pesquisadora. Também foi possível observar que os professores vêm investindo em sua formação: 62,5% cursam uma pós-graduação *lato/stricto sensu*.

Durante nossa pesquisa, forjamos um macrodispositivo, a que denominamos '*Ciberaprendizagens docentes*', composto de cinco microdispositivos: as rodas de conversa, o diário de campo, o *WhatsApp*, o *Padlet* e o *Podcast*, que deram sustentabilidade aos atos de currículo criados, possibilitando a emergência de conversas narrativas de nossos praticantes.

Em termos metodológicos, optamos por um rigor científico *outra*, construído, a partir da bricolagem entre a abordagem das pesquisas com os cotidianos – epistemologia das práticas (Alves, 2008; Certeau, 2013), a pesquisa-formação na cibercultura (Santos, 2019) e os princípios da multirreferencialidade (Ardoino, 1998; Macedo, Galeffi e Pimentel, 2009), que nos propõe uma leitura dos fatos e práticas educacionais, sob diferentes ângulos (multirreferencial), considerando os referenciais trazidos por outros campos do conhecimento. Desse modo, o pesquisador lança diferentes olhares sobre um mesmo evento, buscando uma visão plural e crítica a cada análise que realiza, trazendo novos questionamentos, tendo em vista provocar novas discussões que contribuam com outros olhares.

Ao refletirmos sobre como os professores aprenderam nesta situação emergencial, tendo como foco seus etnométodos, apoiamo-nos nas pesquisas da Neurociência relacionadas ao funcionamento cerebral, que têm apresentado contribuições para a área da educação. A neuroplasticidade, também conhecida como plasticidade cerebral, consiste na capacidade de adaptação do sistema nervoso a novas configurações, devido a mudanças no ambiente ao qual o indivíduo está inserido, ocasionando assim novas conexões sinápticas, ajudando-nos a entender como o nosso cérebro se adapta, ao ser exposto a novas realidades, ou a situações emergenciais, que geram novas aprendizagens (Lent, 2010). Sob essa ótica, a Neurociência pode inspirar objetivos e estratégias educacionais, mediante mecanismos pedagógicos mais adequados que podem facilitar a aprendizagem em situações adversas.

Apesar da apropriação e da adaptabilidade a essas tecnologias, processuais e individuais, ainda nos deparamos com um desafio, pois o simples acesso ao ciberespaço, *Apps* e dispositivos móveis não garantem uma educação democrática e, muito menos, seu uso adequado pelos professores no processo de ‘*aprendizagemensino*’. Assim, concordamos com Amaral, Rossini e Santos (2021) quando nos convidam a (re)pensar nossas práticas educativas, não somente numa perspectiva imediatista, que dure o tempo da pandemia, mas, ‘para além dela’, numa perspectiva de formação mais libertadora e humanizada (Freire, 2019), que possibilite aos sujeitos se assumirem como atores e autores, na cibercultura.

Nesse sentido, nossas aprendizagens, por meio das emoções e sentimentos, sofrem influências tanto dos estímulos externos quanto das interações com o ambiente social, e isso se dá, consciente e inconscientemente (Damásio, 2012). Sendo assim, o conhecimento adquirido não é estático, fechado e concluído. É como se a vida fosse uma intensa e contínua estrada de suscetíveis aprendizagens.

Nessa perspectiva, considerando que o cérebro é um órgão único e que seu funcionamento muda de acordo com a idade, estímulos e o ambiente, as narrativas dos professores durante as rodas de conversa apontam como eles se adaptaram durante a pandemia às novas modalidades de aprendizagem e ressignificaram as suas práticas. A pesquisa nos levou à conclusão de que, no enfrentamento de situações adversas, no contexto da cibercultura, os professores aprendem, de diferentes modos, seja por meio da curiosidade, da prática, da interação, da experiência e/ou da associação, entre outros; o que permitiu que os praticantes, ao se apropriarem de suas flexibilidades cerebrais, fossem ‘inventando’ novas ‘formas de fazer’, com vistas a uma aprendizagem integradora.

Palavras-chave: ambiência *online*; ‘*aprenderensinar*’ na cibercultura; neurociência na educação; modos de aprendizagem

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: Oliveira, Inês.; Alves, Nilda. (org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alii, p. 15-38, 2008.

AMARAL, Mirian M. do; ROSSINI, Tatiana; SANTOS, E. Viralização da educação *online*: a aprendizagem para além da pandemia do novo coronavírus. **Práxis Educacional**, v. 17, nº 46, 2021.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: Barbosa, Joaquim G. (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências sociais e na educação**. São Carlos: UFScar, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 20ª ed. Petrópolis:

Vozes, 2013.

DAMÁSIO, António. R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. Trad. Dora Vicente, Georgina Segurado. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 53ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

LENT, Roberto. **Cem bilhões de neurônios?** Conceitos fundamentais de neurociência. 2ª ed. São Paulo, Atheneu, 2010.

MACEDO, Roberto S.; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo (orgs.). **Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa**: educação e ciência antropológicas. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Edméa **Pesquisa-formação na cibercultura**. EDUFPI, 2019.